

# PROCESSOS MENTAIS E ENSINO DA TRADUÇÃO. UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Cassio Rodrigues  
UFSC

## Introdução

O PROPÓSITO DESTES ARTIGOS É OFERECER uma revisão da literatura concernente aos processos mentais subjacentes ao ato tradutório e a sua aplicabilidade para o ensino da tradução. O interesse pelo *processo* da tradução, ou seja, as etapas percorridas por um determinado tradutor em determinadas condições para traduzir um determinado texto, tem aumentado de maneira considerável dentro da área de estudos de tradução nos últimos dez anos. Prova disso é a quantidade de artigos e livros publicados recentemente (cf. Krings 1986, 1988, Königs 1986, 1987, Gerloff 1988, Séguinot 1989a, 1989b, Jääskeläinen 1990, Lörcher 1991, Alves 1996). Vale a pena ainda ressaltar o número 01 de 1996 do periódico canadense *META*, especializado em tradução e interpretação, que traz em sua edição especial uma série de artigos direcionados ao *processo* da tradução (cf. *META*, v.41, n.01, 1996, editado por Frank Königs), bem como a publicação de alguns livros ligados direta ou indiretamente ao processo da tradução, oferecendo perspectivas concretas sobre o treinamento de tradutores, como por exemplo Alves (1995), Kussmaul (1995), Hönig (1995), Robinson (1997) e Lörcher (no prelo).

Nesse novo tipo de referencial, de ordem psicolinguística, os estudiosos procuram analisar os processos mentais que ocorrem na

mente de um tradutor enquanto está traduzindo. O mapeamento destes processos mentais durante o ato da Tradução serve como ponto de partida para a elaboração de um modelo que represente o processo da tradução (cf. Krings 1986, Königs 1987). Para que tais considerações sejam melhor compreendidas, ofereço na próxima seção uma versão resumida das principais obras que enfocam o *processo* da tradução. Em seguida, exponho como tais pesquisas reivindicam uma relação com o ensino e a didática da tradução. Na parte final faço uma proposta de aula de acordo com um enfoque processual conforme o trabalho apresentado por Königs (1994).

### 1. Sobre os processos mentais

O trabalho do professor Hans P. Krings (Krings 1986) pode ser interpretado como um marco inicial nos estudos que enfocam o processo da Tradução. Antes dele, houve algumas tentativas de explicar o processo da tradução, sem contudo atingirem a complexidade da obra do autor alemão. Na maioria das vezes, as pesquisas anteriores ao trabalho de Krings trataram o processo da tradução como um fator secundário dentro do ato tradutório, e não como um fator determinante. (entre esses trabalhos, Koller 1974, Wilss/Thome 1974, Kirchhoff 1974, Wilss, 1977, Sandrock 1982).

Krings elaborou um projeto de investigação estruturado da seguinte forma: oito estudantes de francês como língua estrangeira de nível avançado foram selecionados para participar do processo de coleta de dados. Esses estudantes, que estavam por concluir seus cursos à época do experimento, tinham de traduzir um texto do alemão para o francês e do francês para o alemão e durante o trabalho verbalizar todos os pensamentos que lhes ocorriam. A esse procedimento é dado o nome de “pensar alto” (*Think aloud*, cf. Ericsson/Simon 1980, 1984, Cohen/Hosenfeld 1981, Cohen 1984) e os dados são caracterizados como protocolos (*Think aloud protocols*). O autor coletou através desse método uma quantidade enorme de dados que foram classificados e analisados. Tal posição

é característica de abordagens que tratam do *processo* da tradução, isto é, as pesquisas têm um caráter empírico-dedutivo, pois o pesquisador reconstrói a realidade através dos seus dados e apresenta no final um conjunto de conclusões que possuem caráter hipotético. (cf. Krings 1986, Lörscher 1991). Elas são assim descritivas, ao invés de normativas. Por detrás desse tipo de orientação está contida uma crítica aguda a modelos teórico-abstratos do processo tradutório com uma orientação dedutiva (para uma crítica fundamentada a esses modelos, vide Lörscher 1991:08-26).

Pontos marcantes dentro do trabalho de Krings foram problemas tradutórios (*Übersetzungsproblem*) e seus respectivos indicadores, como também estratégias de tradução (*Übersetzungsstrategie*). Como problemas tradutórios, foram listados indicadores de primeira e de segunda ordem, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo autor (cf. Krings 1986:121). Já as estratégias foram divididas em estratégias de recepção, equivalência, avaliação e decisão. A interação entre esses fatores conduziu à produção de dois modelos do processo tradutório, o primeiro deles referente à tradução para a língua estrangeira e o segundo referente à tradução da língua estrangeira. Segundo o próprio autor, os modelos representam, com uma margem grande de validação, o universo criado dentro de seu trabalho e têm potencial para serem expandidos para outro tipo de pesquisa que enfoque o processo da tradução.

O modelo em si não foi expandido para outro tipo de pesquisa, embora pesquisas com uma abordagem processual tenham-se multiplicado desde o aparecimento do livro e subseqüentes artigos do autor alemão. (cf. Krings 1986, 1987, 1988). Assim, as características intrínsecas de projetos posteriores a esses trabalhos foram modificadas para testagem de confiabilidade de alguns postulados. Uma delas foi a mudança do par lingüístico em investigação. Krings trabalhou com o par lingüístico alemão-francês e os seus sujeitos foram estudantes universitários formandos. Königs (1987) outro autor a fazer considerações sobre processos mentais, o processo da escrita e tradução, organizou uma pesquisa onde o par lingüístico analisado era o alemão-espanhol e os sujeitos, por sua vez, eram

dois estudantes do nível básico de espanhol, um estudante de espanhol próximo a sua graduação e um tradutor profissional com experiência dentro da área técnica. O trabalho de Königs (1987) serviu para trazer ao debate científico algumas reflexões sobre processos mentais que seriam automatizados durante o ato tradutório e determinados processos mentais que não se encaixam dentro dessa rubrica. Para esses termos, o autor cria a denominação de *Adhoc-Block*, para processos automatizados e *Rest-Block*, para aqueles que não são automatizados e por consequência acessíveis a uma investigação introspectiva. Em seu trabalho, Königs também elabora um modelo do processo da tradução, onde as variáveis não são estratégias como concebe Krings, mas sim uma interação entre processos *Adhoc-Block* e *Rest-Block*. O resultado dessa interação seria, dando-se como implícitas as particularidades de cada tipo de processo, a produção de um texto de chegada. (cf. Königs 1987:164).

Gerloff (1988) e Jääskeläinen (1990) foram autoras que também apresentaram idéias a respeito do processo da tradução, a primeira nos Estados Unidos e a segunda na Finlândia. O trabalho de Gerloff é a sua tese de doutorado defendida junto à universidade de Harvard, já o trabalho de Rita Jääskeläinen foi apresentado para obtenção do licenciamento junto à universidade finlandesa de Joensuu. Gerloff trabalhou com o par lingüístico inglês-francês e com uma gama variada de sujeitos, desde estudantes iniciantes, passando por tradutores profissionais e até bilíngües sem experiência tradutória, totalizando um número de doze sujeitos. Jääskeläinen por sua vez trabalhou com estudantes, tradutores profissionais e, ao invés de bilíngües, utilizou ainda quatro leigos com um bom comando dos dois idiomas, que no seu caso foram o inglês e o finlandês. Embora haja pontos diferentes referentes à estruturação da investigação, há um denominador comum nos trabalhos das autoras que é a forma como foram interpretados os processos mentais analisados através de protocolos verbais. As autoras questionam a hipótese de que a experiência tradutória pode conduzir a um texto traduzido com uma qualidade maior. Os questionamentos feitos pelas autoras, a maior parte respaldados pelos dados, têm pertinência se forem levadas

em consideração as idéias que estavam em voga à época dos experimentos. Em virtude de os trabalhos de Krings (1986) e Königs (1987) serem recentes, havia hipóteses a respeito da automatização de alguns processos em determinados sujeitos, como é o caso de tradutores profissionais. Königs utilizou um tradutor com experiência que confirma em parte essa hipótese. Já Krings (1986) trabalhou somente com estudantes alemães de francês como língua estrangeira e o autor faz algumas considerações sobre a possibilidade de tradutores profissionais apresentarem um nível de automatização maior e traduzirem mais rapidamente que outro tipo de sujeitos. Na verdade, essas premissas são advindas de Ericsson/Simon (1980, 1984) que, ao postularem uma metodologia para a coleta de dados através de protocolos verbais, indicaram que determinadas informações poderiam não ser verbalizadas em virtude de estarem automatizadas. A automatização causaria dois fatos: o primeiro seria a aceleração do processo e o segundo seria a não disponibilidade de tais informações na memória de curto prazo. (cf. Ericsson/Simon 1984:90). Esse tipo de orientação leva à conclusão primária que a experiência profissional de tradutores poderia conduzi-los a uma automatização de seus processos mentais. Posição semelhante é defendida por Börsch (1986:207) ao indicar que muitos processos mentais não seriam verbalizáveis pois já encontram-se automatizados e uma solução a curto prazo seria a investigação de estudantes em diversos níveis de seus cursos para verificação da proficiência em tradução.

Os estudos das pesquisadoras postulam, ao contrário da hipótese anterior, que os fatores tempo e dedicação para o burilamento de um texto traduzido passam a ser essenciais para a qualidade do texto. Os dados coletados apontam para uma constante verbalização não só dos tradutores profissionais participantes da pesquisa, mas também dos outros sujeitos. O mais interessante ainda foi o julgamento de qualidade a que foram submetidas as traduções. O status de tradutor profissional não garantiu necessariamente uma melhor qualidade da tradução, pelo contrário: no estudo de Jääskeläinen, a tradução de um tradutor profissional foi considerada fraca ( as notas

eram atribuídas de acordo com as denominações *good*, *mediocre*, *weak*). Em virtude dos dados apresentarem uma faceta muito interessante, é que houve uma procura pelas autoras (principalmente em Jääskeläinen 1990) pelo parâmetro “sucesso” no processamento (cf. Jääskeläinen 1996:64).

Muito embora as idéias levantadas pelas autoras tenham grande relevância para os estudos enfocando o processo da tradução, justamente por questionarem evidências apresentadas até então, os seus resultados necessitam ser interpretados com cuidado. Inicialmente porque a coleta de dados está baseada em um número reduzido de sujeitos e esse fato não permite generalizações de ordem quantitativa. Já em segundo plano, a hipótese de um nível elevado de automatização em tradutores profissionais pode ser refutada caso seja observado o tipo de tarefa realizada pelo sujeito. Em tarefas de rotina (*routine tasks*), os tradutores na verdade verbalizam muito pouco, pois já possuem um nível de automatização para aquela determinada tarefa. Evidências para esse fato podem ser encontradas em um estudo conduzido por Séguinot (1989b), onde uma tradutora da área governamental foi filmada e gravada durante os seus dias de trabalho. A constatação foi de que havia um grau muito baixo de verbalizações em virtude das atividades serem de rotina para a tradutora. Os únicos indícios de problemas vivenciados pela tradutora eram algumas hesitações e pausas durante o digitar do trabalho. Já a maioria dos trabalhos sobre o processo da tradução está baseada em realização de tarefas que não são de rotina para os participantes (mesmo para os tradutores profissionais, como no caso de Königs 1987, Krings 1988, Gerloff 1988, Jääskeläinen 1990). Os trabalhos consistiam de traduções de pequenos textos jornalísticos (cf. Krings 1986), de órgãos de turismo (cf. Königs 1987, Alves 1995) e artigos de revistas semanais (cf. Gerloff 1988, Jääskeläinen 1990). Nessas pesquisas, os tradutores profissionais precisaram de mais tempo para realizar a tradução, provando assim que não há, considerando-se o tipo de atividade tradutória, uma relação fixa entre o nível de automatização de processos mentais e a experiência tradutória.

Para complementar essa etapa de revisão bibliográfica, gostaria

de citar, de forma resumida, mais dois trabalhos que, de certa forma, também contribuíram para o estabelecimento do paradigma processual nos estudos em tradução. O primeiro trabalho é de Lörcher (1991), muito semelhante ao apresentado por Krings (1986). Em sua pesquisa, que envolveu estudantes alemães de inglês como língua estrangeira, o autor descreveu um modelo de análise estratégica do processo da tradução baseado na análise retrospectiva das estratégias produzidas pelos sujeitos de sua pesquisa. (cf. Lörcher 1991:92). O seu modelo é composto de três fases: a primeira delas caracteriza-se pelos elementos iniciais na elaboração de um problema tradutório, a segunda por sua vez é caracterizada pela expressão de determinadas estratégias de tradução e a última fase constitui-se das versões apresentadas pelo indivíduo para o problema tradutório. A diferença entre o trabalho de Lörcher e de outros autores é justamente uma continuação da pesquisa para validação de seus dados em outras situações, como por exemplo com tradutores profissionais e crianças bilíngües. Dessa forma, a sua pesquisa adota um caráter longitudinal que é imprescindível para trabalhos de ordem processual na área de tradução. Os resultados desse estudo aparecerão em breve na próxima publicação do autor. (cf. Lörcher, no prelo).

Já em segundo plano há o trabalho do pesquisador brasileiro Fábio Alves que em uma proposta muito interessante de análise dos processos mentais durante o ato tradutório comparou o trabalho de tradutores brasileiros e portugueses (cf. Alves 1995, 1996). O seu trabalho está baseado na investigação das diversas etapas de processamento mental ao longo do ato tradutório, entre elas o processamento em memórias de curto e longo prazo, estratégias inferenciais e operações mentais em série e em paralelo. Com base nos protocolos verbais produzidos pelos vinte quatro sujeitos participantes de sua pesquisa (12 brasileiros e 12 portugueses), Alves analisou os diversos tipos de processamento, conforme descrito acima, de acordo com o conceito de relevância. (cf. Alves 1995). As suas conclusões preliminares apontam que seria de muita utilidade que tradutores em formação fossem conscientizados a respeito das etapas mentais durante o ato tradutório para que dessa forma possam

tomar decisões de tradução coerentes com o funcionamento de seus mecanismos cognitivos. Na verdade, a proposta feita pelo pesquisador é inovadora, pois é a primeira tentativa de trazer as estratégias utilizadas pelos tradutores para a realidade, no sentido de ensiná-las aos tradutores. Em virtude de ser um trabalho empírico-dedutivo, uma aplicação de suas idéias em outros contextos poderia revelar fatos interessante para validação de seus postulados.

## 2. A aplicabilidade para o ensino da tradução

Como pode ser notado acima, vários pesquisadores se ocuparam com o processo da tradução. Por um lado, essas pesquisas vêm preencher uma lacuna existente nos estudos em tradução que se concentram no produto da tradução, isto é, *o texto traduzido* (dentre essas abordagens, a nível internacional, encontram-se trabalhos como de Catford 1965, House 1977, Stolze 1982, Reiß/Vermeer 1984, Nord 1988, Snell-Hornby 1988 e Baker 1992; já em território brasileiro os trabalhos de Barbosa 1988, Costa 1992a, 1992b e Zanotto 1992). Por outro lado, a abordagem processual da Tradução oferece a possibilidade, segundo os pesquisadores da área, de um novo direcionamento para o ensino da Tradução. Os dados e considerações decorrentes desses estudos mostram que o processo da Tradução não ocorre de forma linear. Tal afirmativa é de muita valia para as aulas de tradução normalmente conduzidas em cursos de tradução, onde a preocupação básica é somente com a produção do texto e não com as etapas que poderiam conduzir a um texto melhor estruturado.

Antes, porém, de dar continuidade à cadeia de pensamentos relevantes para esse tópico, são urgentes duas considerações. A primeira delas diz respeito à minha posição frente a tais abordagens. Na verdade, considero, como tradutor formado e pesquisador da área de tradução, que a abordagem processual é uma fonte muito rica de informações para os estudos em tradução, uma vez que recorre a outras áreas do conhecimento na tentativa de explicar o

*processo* da tradução, como por exemplo a área de ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras, a ciência cognitiva, teorias de processamento da informação, a psicolinguística, entre outras. Essa interação promove um dinamismo nos estudos em tradução que se contrapõe à estaticidade em que se encontrava a área, principalmente no tocante ao ensino da tradução (cf. Königs 1994). A aproximação a esse novo paradigma e a simpatia por ele, todavia, não me impedem de também proferir um comentário crítico acerca de alguns pontos polêmicos. Essa temática engloba a minha segunda consideração.

Os estudos enfocando o processo da tradução, como citado acima, oferecem a possibilidade de um novo referencial para o seu ensino, porém isto deve ser interpretado como uma perspectiva direcionada para a aula de tradução, isto é, são colocadas algumas diretrizes de como deveria ser conduzida uma aula de tradução de acordo com um enfoque processual. Todavia, a formação de tradutores ultrapassa os limites da, onde normalmente são realizados exercícios de tradução ou versão, e adota um caráter mais profissional ao oferecer ao estudante em formação outros tipos de conhecimento (para propostas curriculares de cursos de tradução, verificar tanto o trabalho de Hölz-Mänttari/Vermeer 1985, como, mais recentemente, Hönig 1995). Acredito então, em face da limitação momentânea de um enfoque processual da tradução, que o grande desafio desse novo paradigma é a elaboração de uma metodologia que consiga oferecer subsídios para toda a formação do tradutor.

Já no que concerne uma aula de tradução ou técnicas de implementação para aulas de tradução, o enfoque processual apresenta idéias muito interessantes. Para relatar sobre essas idéias, remeto o leitor novamente aos trabalhos de Krings (1986, 1987) e Königs (1986, 1987), onde podem ser encontradas algumas premissas básicas. Uma primeira observação aplicável para o ensino da tradução, que não é totalmente nova dentro da literatura, é a *consciência* para a tradução que deve ser despertada nos tradutores em formação. Krings em seus trabalhos faz considerações a esse respeito. Segundo ele, o fato de a tradução ter sido tratada por longos anos como um mero artifício nas aulas de língua estrangeira, contribui para que

tradutores que recebam uma formação em estudos tradutórios não reconheçam a importância desse trabalho. Os seus dados mostram que determinados indivíduos, ao tomarem contato com o texto de partida, não lhe davam a devida relevância. Em virtude disso, torna-se claro que a formação do tradutor deve impreterivelmente desmistificar essa realidade e adotar um caráter profissional. Posição semelhante adota Nord (1988) em sua proposta didática para o ensino da tradução orientada pela análise textual.

As estratégias de tradução representam também um forte pilar dentro da abordagem processual. O termo *estratégia de tradução* apareceu inicialmente em um trabalho de Hönig/Kusssmaul(1982), onde os autores já indicavam a importância de um comportamento estratégico para o ato tradutório. Todavia, a concepção de estratégia ganhou força com o surgimento do enfoque processual da tradução. Não somente Krings (1986) identificou e classificou as estratégias produzidas durante o ato tradutório, mas também outros autores, como por exemplo Lörscher (1991) e, mais recentemente, Alves (1995). Dado o fato de que algumas estratégias de tradução conduzem a soluções para os problemas tradutórios, seria relevante que os tradutores em formação recebessem esse tipo de instrução, em outras palavras, tomando ciência de como operar estrategicamente os indivíduos teriam possibilidade de conduzir a tarefa com mais eficiência. Entre essas estratégias encontram-se, por exemplo, estratégias de equivalência, de avaliação e de tomada de decisão. Entre elas, as mais interessantes, justamente por representarem uma realidade contrária àquela apresentada em modelos teóricos da tradução, como o de Catford (1965) por exemplo, são as estratégias de equivalência. O uso desse tipo de estratégias demonstra que nem sempre o tradutor vai diretamente ao profundo significado da palavra, como sugerem alguns modelos abstratos da tradução. Pelo contrário, o fato que chama a atenção é a não-linearidade desse ato e um fator surpreendente denominado por Krings como verbalização, caracterizado como um artifício para a chegada no termo ou expressão do idioma pretendido, ou seja, o tradutor faria um “exercício verbal” de possibilidades congruentes com o ítem ou expressão a

ser traduzida. Segundo a sua opinião, esse comportamento, de natureza estratégica, oferece ao tradutor mais opções para o trabalho quando enfrenta um problema tradutório. Naturalmente, apenas a utilização de estratégias não resolverá todos os problemas que possivelmente venham à tona na tradução de um texto, pelo contrário, elas são interpretadas como um artifício que pode ser acionado à medida em que apareçam problemas tradutórios. A observação torna-se relevante uma vez que outros fatores, caso as estratégias fossem a única solução aparente, seriam deixados de lado, como por exemplo, o tipo de texto a ser traduzido, a linguagem utilizada e também a função que o texto exercerá no ambiente em que será interpretado, entre outros (uma abordagem excelente de outros fatores pode ser encontrada em Nord 1988). Esses fatores, sem dúvida, influenciam o tradutor na utilização de estratégias e, portanto, possuem o mesmo grau de importância que as estratégias propriamente ditas (cf. Königs 1986). Krings, Königs e Lörcher consideram esse novo referencial muito produtivo para aulas de tradução, deixando claro, porém, que tais considerações devem ser aprofundadas. Alves (1995, 1996), no entanto, não hesita acerca desse ponto e é favorável a que os tradutores recebam instrução de como funcionam os seus mecanismos cognitivos.

A única ressalva a ser feita em relação à inserção de estratégias na formação de tradutores pode ser emprestada da literatura em ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras (por sinal, o local onde pesquisadores como Königs, Krings e Lörcher encontraram subsídios para a elaboração do conceito de estratégia). Segundo Faerch/Kasper (1983b) por exemplo, com base em inúmeros trabalhos sobre estratégias de comunicação e aprendizagem, há o risco de que sejam transmitidas aos indivíduos uma habilidade que eles já possuem inconscientemente. No caso das estratégias de comunicação, por exemplo, é totalmente inócuo ensinar uma pessoa a usar o artifício da mímica para tentar expressar-se, quando na verdade ela já realiza esse ato por natureza própria. Uma solução intermediária seria a conscientização dos tradutores de que tais estratégias podem ser acionadas e exercem, dependendo da natureza

do problema tradutório, um função de auxílio. Posição semelhante foi adotada na área de ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras com o conceito de estratégia de aprendizagem (*learning strategy*) e que, com algumas restrições, poderia ser transposta para a área do processo da tradução (para um visão geral sobre estratégias de aprendizagem, vide O'Malley/Chamot 1990 e para um exemplo de aplicação das estratégias a nível de conscientização dos estudantes, vide toda a obra publicada por Oxford/Scarcella (1993).

Para demonstrar efetivamente como as idéias da conscientização dos tradutores e a orientação para o uso de estratégias podem ser encaixadas em uma aula de tradução, apresento a seguir uma proposta para as aulas de tradução apresentada por Königs (1994).

### 3. A teoria na prática

Königs (1994:122-125) apresentou uma proposta para condução de aulas de tradução que pode ser inserida em cursos para tradutores profissionais. O seu trabalho proporciona uma interação entre aspectos processuais da tradução e aspectos de uma abordagem mais tradicional para uma aula de tradução, ou seja, apresentação do texto e tradução do mesmo por parte dos estudantes. Quando cito o termo abordagem tradicional para uma aula de tradução, refiro-me não somente à forma como tive aulas de tradução durante o curso de graduação, bem como aos relatos feitos de outros estudantes e professores de tradução que trabalham em universidades brasileiras e em algumas instituições estrangeiras.

A sua proposta é dividida em blocos de aulas que podem ser conduzidas de acordo com a disponibilidade da turma. A primeira é a mais significativa, pois, a partir dela, é que as outras modalidades de aula podem ser misturadas para que cada aula tenha um aspecto diferente. Para uma leitura mais aprofundada sobre esse tema, vide Königs (1994:122-125).

*A) Aula de tradução orientada para problemas tradutórios*

(1ª aula)

- Divisão do texto e marcação por parte dos estudantes das partes mais difíceis com comentários,
- Comentário sobre informações culturais relevantes para o texto em questão,
- Em grupos pequenos (máximo 03 pessoas) o texto é traduzido,
- Depois do trabalho feito, relatório dos grupos das dificuldades reais encontradas no texto,
- Para a próxima aula, os estudantes recebem a atividade de transpor os resultados das traduções para uma transparência para que possam ser comparadas com as traduções dos outros grupos.

(2ª aula)

- As transparências são projetadas e os grupos comentam as soluções encontradas para as traduções,
- O(A) professor(a) comenta então os resultados em relação a (i) estruturas/ problemas gramaticais, (ii) estruturas/ problemas lexicais e (iii) o uso de dicionários e obras de apoio,
- Escolha, com base nas discussões anteriores, de uma ou mais soluções,
- A partir dessa escolha, os grupos trabalham novamente o texto com base nas reflexões feitas em sala de aula,
- Após o trabalho feito, acontece uma roda de debates sobre problemas existentes durante a tradução e quais foram as soluções encontradas para esses problemas,
- Finalmente, o (a) professor(a) sugere uma nota com comentários a respeito do desempenho, baseando-se para isso em discussões anteriores realizadas em sala de aula.

Como dito acima, essa primeira proposta torna-se a mais interes-

sante a partir do momento em que as suas outras idéias (listadas a seguir) podem ser mescladas junto a essas primeiras aulas. Porém, antes de apresentar essas novas idéias, fica evidente, dada a estruturação dessa primeira aula, que existe um forte apelo para a questão da aprendizagem da tradução como o desenvolvimento de uma habilidade específica. Para que esse ato se transforme em realidade, os estudantes devem estar conscientes da importância da reflexão sobre esse processo. Dessa forma, a aula adquire um caráter de auto-reflexão (“comentários sobre dificuldades encontradas”) e também de cooperação (“discussões em grupo”). Essa perspectiva pode ser encontrada, de certa forma aplicada com sucesso, na literatura sobre ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras. (cf. Seliger/Long 1983, Nunan 1988, 1992).

#### *B) Trabalho de conscientização sobre algumas estratégias de tradução*

De acordo com os textos traduzidos pelos estudantes, a aula tem como tema o comportamento dos estudantes de acordo com algumas estratégias, como por exemplo: estratégias lexicais de procura, estratégias de melhoramento de uma expressão (“essa expressão não me agrada muito”), estratégias de transformação, estratégias estilísticas (“o texto agrada, não agrada...”), estratégias de transposição (“até que ponto soluções podem ser buscadas em outros textos ou em outros idiomas”).

#### *C) Traduzindo de acordo com outras variáveis*

Nesse tipo de aula, além da variável texto, outros fatores são levados em consideração para que os estudantes possam refletir sobre a importância de outras variáveis durante o ato tradutório. Nesse sentido, seria interessante que aos grupos fossem delegadas diferentes tarefas, como por exemplo:

- um grupo trabalho com obras de apoio e outro sem,

- um grupo trabalha com pressão de tempo e outro sem,
- um grupo trabalho “em grupo” e os demais traduzem sozinhos.

No final do trabalho, as tarefas são analisadas e comentadas as respectivas dificuldades encontradas durante o trabalho.

#### *D) Análise do processo da tradução*

Para esse tópico, os estudantes recebem a seguinte tarefa: eles devem gravar os seus protocolos mentais durante a tradução de um determinado texto e o(a) professor(a) receberá somente o texto traduzido. Em uma fase posterior, o(a) professor(a) levanta hipóteses sobre as escolhas feitas pelo estudante durante o processo tradutório e finalmente são comparadas as versões de professor e estudante para comentários da turma.

#### *E) Desenvolvimento de hipóteses por parte dos estudantes*

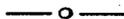
Os estudantes têm a possibilidade de confrontar original e tradução e posteriormente desenvolver algumas hipóteses a respeito de como foram encontradas soluções para passagens do texto. Interessante seria também a possibilidade de questionamento direto junto ao tradutor (no caso da tradução de um livro) para que o estudante conheça outros procedimentos utilizados por outros tradutores.

Os procedimentos descritos acima devem ser aplicados, segundo o autor, para turmas de no máximo 15 alunos (fato esse impraticável dentro da realidade brasileira) e para aulas que tenham duração de noventa minutos. Segundo o próprio pesquisador ainda, a interação entre essas propostas deve ser uma constante para que as aulas apresentem variações, mas não deve ser entendida como uma prescrição. Pelo contrário, interessante ainda dentro dessa discussão é que sejam criadas, a partir dessas idéias, novas formas para lecionar-se a tradução em contextos institucionais. Contudo, isso só será

possível à medida que surgirem novas pesquisas enfocando o ensino da tradução com aplicação para a sala de aula.

#### 4. Considerações finais

Dado o exposto acima, vale a pena ainda lembrar que os estudos na área do processo da tradução são recentes e somente a constatação de resultados em outras pesquisas oferecerá, a longo prazo, um grau de credibilidade que os estudos em tradução merecem. A condução de pesquisas em outros contextos e com outros pares linguísticos parece ser o caminho mais viável para que sejam alcançados esses resultados. A abordagem processual, todavia, não pode ser tratada como uma área totalmente imune à intervenção de outras abordagens, como por exemplo a proposta de Nord (1988) e Costa (1992a, 1992b). Pelo contrário, a interação entre essas correntes é muito produtiva para todo o campo do ensino da tradução que há alguns anos procura um referencial. Esse referencial deve dar conta tanto do currículo necessário para a formação do tradutor quanto para o planejamento e condução de aulas de tradução. Este é um grande, senão o maior, desafio para os pesquisadores em tradução.



#### Referências bibliográficas

ALVES, F. (1995). *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke ?* Hamburg : Dr. Kovac.

ALVES, F. (1996). Veio-me um Click na cabeça: The Theoretical Foundations and the Design of a Psycholinguistically Oriented, Empirical Investigation on German-Portuguese Translation Processes. In : *Meta*, v.41, n.01, 33-44.

- BAKER, M. (1992). *In Other Words. A Coursebook on Translation*. London : Routledge.
- BARBOSA, H.G. (1990). *Procedimentos técnicos da tradução. Uma nova proposta*. Campinas : Pontes.
- BÖRSCH, S. (1986). Introspective Methods in Research on Interlingual and Intercultural Communication. In: House, J./ Blum-Kulka, S (eds.) *Interlingual and Intercultural Communication. Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Tübingen: Narr, 195-209.
- CATFORD, J.C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. London: Cambridge University Press.
- COHEN, A.D. (1984). Studying Second Language Learning Strategies : How do we get the information? In: *Applied Linguistics*, n.5, 101-111.
- COHEN, A.D./ HOSENFELD, C. (1981). Some uses of mentalistic data in second language research. In: *Language Learning*, n.31, 285-314.
- COSTA, W. (1992a). *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts with special reference to selected texts by J. L. Borges*. Tese de doutoramento inédita. University of Birmingham, Inglaterra.
- COSTA, W. (1992b). The Translated Text as Re-textualization. In: *Ilha do Desterro*, n.28, 133-153.
- ERICSSON, K.A./ SIMON, H.A. (1980). Verbal Reports as Data. In: *Psychological Review*, v.87, 215-251.
- ERICSSON, K.A./ SIMON, H.A. (1984). *Protocol Analysis: Verbal Reports as Data*. Mass.: MIT Press.
- FAERCH, C./ KASPER, G/ (1983a). *Strategies in Interlanguage Communication*. London : Longman.
- FAERCH, C./ KASPER, G. (1983b). Plans and Strategies in foreign language communication. In: Faerch, C./ Kasper, G. *Strategies in Interlanguage Communication*. London: Longman, 20-60.
- FAERCH, C./ KASPER, G. (1987) (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters.

GERLOFF, P. (1988). *From French to English : A Look at the Translation Process in Students, Bilinguals, and Professional Translators*. Tese de doutorado. Harvard University. Microfilme.

HOLZ-MÄNTTÄRI, J./ VERMEER, H.J. (1985). Entwurf für einen Studiengang Translatork und einen Promotionsstudiengang Translatologie. In: *Kääntäjä Översättaren* n.3, 4-6.

HÖNIG, H. (1995). *Konstruktives Übersetzen*. Tübingen : Stauffenberg.

HÖNIG, H./ KUSSMAUL, P. (1982). *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen : Narr.

HOUSE, J. (1977). *A Model of Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr.

HOUSE, J./ BLUM-KULKA, S. (1986) (eds.) *Interlingual and Intercultural Communication. Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Tübingen: Narr.

JÄÄSKELÄINEN, R. (1990). *Features of Successful Translation Processes : A Think-Aloud Protocol Study*. Tese de licenciamento. University of Joensuu. Microfilme.

JÄÄSKELÄINEN, R. (1996). Hard work will bear beautiful fruit. A Comparison of Two Think-Aloud Protocols. In: *Meta*, v.46, n.01, 60-74.

KIRCHHOFF, H. (1974). Psycholinguistische Aspekte des Übersetzens. In: Wilss, W./ Thome, G. (eds.). *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg : Groos, 139-147.

KOLLER, W. (1974). Anmerkungen zu Definitionen des Übersetzungsvorgangs und der Übersetzungskritik. In: Wilss/ Thome (eds.) *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Groos, 35-54.

KÖNIGS, F.G. (1986). Der Vorgang des Übersetzens: Theoretische Modelle und praktischer Vollzug. In: *Lebende Sprachen*, n.1, 05-12.

KÖNIGS, F.G. (1987). Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. In: *Die Neueren Sprachen*, v.86, n.2, 162-185.

KÖNIGS, F.G. (1994). Psycholinguistische und didaktische Aspekte der Über-

setzerausbildung: Neun Thesen zur Reflexion (und zur Provokation). In: Goethe Institut München (ed.) *Dolmetscher und Übersetzer Ausbildung. Materialien eines Internationalen Produktionsseminars*. München: Goethe Institut, 116-136.

KRINGS, H.P. (1986). *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Narr.

KRINGS, H.P. (1987). The use of introspective data in Translation. In: Faerch, C./ Kasper, G. (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, 159-176.

KRINGS, H.P. (1988). "Blick in die Black Box"- Eine Fallstudie zum Übersetzungsprozeß bei Berufsübersetzern. In: Arntz, R. (ed.) *Textlinguistik und Fachsprache*. Hildesheim: Ohms, 393-412.

KUSSMAUL, P. (1995). *Training the Translator. A psycho- and textlinguistic Approach*. Amsterdam: John Benjamins.

LÖRSCHER, W. (1991). *Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies*. Tübingen: Narr.

LÖRSCHER, W. (no prelo). *Translation as Process. An Empirical Investigation into the Translation Process of Professionals, Bilinguals, and Foreign Language Learners*.

NORD, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Groos.

NUNAN, D. (1988). *The Learner Centred Curriculum*. Cambridge: Cambridge University Press.

NUNAN, D. (1992) (ed.) *Collaborative Language Learning and Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.

O'MALLEY, J.M./ CHAMOT, A.U. (1990). *Learning Strategies in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

OSFORD, R./ SCARCELLA, R.C. (1993). *The Tapestry of Language Learning: The Individual in the Communicative Classroom*. Mass.: Heinle& Heinle. (Série de obras didáticas para o ensino do Inglês como segunda língua).

de obras didáticas para o ensino do Inglês como segunda língua).

REIß, K./ VERMEER, H.J. (1984). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

ROBINSON, D. (1997). *Becoming a Translator. An accelerated course*. London: Routledge.

SANDROCK, U. (1982). *Thinking-Aloud Protocols (TAPs) - Ein Instrument zur Dekomposition des komplexen Prozesses "Übersetzen"*. Universität Kassel. Manuscrito referente a trabalho de conclusão de curso.

SÉGUINOT, C. (1989a) (ed.). *The Translation Process*. Toronto: HG Publications.

SÉGUINOT, C. (1989b). The Translation Process. An Experimental Study. In: Séguinot, C. (ed.). *The Translation Process*. Toronto: HG Publications, 21-54.

SELIGER, H./ LONG, M. (1983). *Classroom-oriented Research in Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House.

SNELL-HORNBY, M. (1988). *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam: John Benjamins.

STOLZE, R. (1982). *Grundlagen der Textübersetzung*. Heidelberg: Groos.

TIRKKONEN-CONDIT, S. (1991) (ed.). *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Narr.

WILSS, W. (1977). *Übersetzungswissenschaft. Probleme und Methoden*. Stuttgart: Klett.

WILSS, W./ THOME, G. (1974) (eds.) *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Groos.

ZANOTTO, P.F. (1992). Uma abordagem pragmático-textual no ensino da tradução. In: *ALFA* 36/01, 119-126.